



Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião

ISSN: 1518-4463

ISSN: 1982-2650

Universidade Estadual de Campinas

Laurentino, Gabriel Alves; Machado, Aline Oliveira
A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DO BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO: UM ESTUDO PSICOSSOCIAL
Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião,
vol. 20, núm. 29, 2018, Agosto-Dezembro, pp. 200-214
Universidade Estadual de Campinas

DOI: <https://doi.org/10.20396/csr.v20i29.12327>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=717975894011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DO BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO: UM ESTUDO PSICOSSOCIAL

Gabriel Alves Laurentino¹

Aline Oliveira Machado²

Centro Universitário do Vale do Ipojuca (UNIFAVIP-Wyden) – Brasil

Resumo: O objetivo desta pesquisa é compreender a Experiência Religiosa do Batismo com o Espírito Santo dos cristãos evangélicos pentecostais da Assembleia de Deus. Para tal, utilizou-se à coleta dos dados as técnicas da observação sistemática e do grupo focal, e para o tratamento dos dados recorreu-se a Análise Temática de Conteúdo. Os resultados evidenciaram que o batismo com o Espírito Santo caracteriza-se por uma experiência relacional com Deus, que possui as mesmas características que configuram um Estado Alterado de Consciência (EAC), sendo sua crença caracterizada como do tipo “A” (Rokeach, 1981) e sua veracidade apoiada na Fé, constituindo o papel social do crente batizado em adequar-se como modelo de servo. Concluiu-se que a experiência religiosa do Batismo com o Espírito Santo é vivenciada enquanto um EAC, condicionada e significada pelo sistema de crenças a qual está vinculada: pentecostalismo evangélico, e que tal experiência tem forte repercussão na vida do cristão.

Palavras-chave: Experiência Religiosa, Estados Alterados de Consciência, Papeis Sociais, Sistema de Crenças.

Abstract: This research objective is to comprehend the Religious Experience of Baptism with the Holy Spirit of Pentecostal Evangelic Christians from Assembleia de Deus. For such, it was used for data gathering the systematic observation and focal group technic. And for the data analysis it was used the Themed Analysis of Content. The results showed that the baptism with the Holy Spirit is characterized by a relation experience with God, has the same characteristics presented in the Altered State of Consciousness, his belief being featured as type “A” (Rokeach, 1981) and it’s truthfulness supported in Faith, fulfilling the social role of the baptized believer who is a model of server. It is concluded that the religious experience of Baptism with the Holy Spirit is experienced as ASC, conditioned and meaningful by the beliefs system in which is linked: Pentecostal Evangelic Christians, and that such experience has a strong repercussion in their lives.

Keywords: Religious Experience, Altered States of Consciousness, Social Roles, Beliefs System.

Introdução

Para introduzir o(a) leitor(a) ao que contemporaneamente dentro da literatura acadêmica das ciências da religião chama-se de experiência religiosa, parte-se da distinção entre as duas formas de manifestações da experiência religiosa que a categoriza. Meslin (2014) aponta que a língua portuguesa apresenta uma limitação semântica no que se refere ao termo experiência, uma limitação a qual a língua germânica não apresenta, sendo bem delimitada pelos termos *Erfabrung* e *Erlebenis*. Respectivamente, compete à experiência por aquilo que denota um conhecimento fruto de uma prática, ou seja, conhecido pela observação repetida e controlada dos fatos renovados. Noutro termo, entende-se o tipo de experiência que é de carácter pessoal, que designa todo episódio ou fenómeno experimentado pelo e no sujeito. É a experiência religiosa como *Erlebenis* - que apesar de todo problema semântico, também é conhecida como experiência mística - que este trabalho dedica-se a investigar em nível exploratório.

A experiência mística hodiernamente é entendida como uma experiência (*Erlebenis*) subjetiva que pode manifestar-se de maneira incitada ou espontânea, drástica ou sutil, que representa a forma maior ou mais desenvolvida da experiência religiosa, na qual o religioso tem um encontro ou uma união com uma entidade divina, um contato com uma existência transcendental, tomando consciência direta de seu deus a partir da sua experiência relacional com ele (Meslin, 2014; Ávila, 2007). Ademais, a experiência mística pode ser experimentada muitas vezes (portanto, não obrigatoriamente) de forma não plenamente consciente, o que Ávila (2007) chama de êxtase e Zangari, Maraldi, Martins e Machado (2013) chamam de Estado Alterado de Consciência (EAC).

Zangari et al. (2013) afirmam que apesar dos aspectos comuns que os EACs estão delimitados, estes podem sofrer tamanha influência dos sistemas de crenças nos quais estão inseridos que acaba por conformá-los, sendo significados e posicionados de modo que podem ser tidos como normais ou patológicos, perniciosos ou desejáveis, insignificantes ou sagrados, exclusivamente dados a uma elite ou passíveis de serem popularmente experimentados e etc. Além disto, os processos psicossociais modulam os conteúdos experimentados de muitos tipos de EACs, sendo disciplinados com base, por exemplo, em pressão social, pelo compartilhamento do que se espera no grupo e doutrinação. Dessa forma, entre os elementos que agem sobre a modelagem social dos EACs e das experiências deles resultantes (sensações, audições, visões e etc.), estão os sistemas de crenças próprios de cada contexto sociocultural em que os EACs se encontram. Nesse sentido, Meslin ainda afirma:

É uma necessidade evidente lembrar a que ponto o ser humano está todo envolvido na experiência religiosa que ele pode fazer e que o introduz no mistério de Deus. Mas uma tal experiência só raramente é imediata e jamais primeira: a representação que o indivíduo dela faz e a formulação que a dá dependem de seu meio ambiente, de sua herança cultural, de sua educação e de sua própria história, como capacidades de abstração, imaginação, memorização de que ele dispõe, bem como de desejos e impulsos afetivos que ele experimenta, e do poder que exercem sobre o imaginário individual as imagens e os símbolos que o homem utiliza para dizer Deus (2014, p. 334).

Convém então uma explanação acerca dos sistemas de crenças. Rokeach (1981) e Krüger (2016, 1995) apresentam o conceito de crenças na psicologia social, que pode ser sintetizada como representações simbólicas de qualquer inferência fundamentada na experiência própria dos indivíduos sobre estados básicos de expectativas da realidade, que comumente baseiam-se na linguagem natural e afirmam uma ligação entre objetos concretos e abstratos, ou propriedades a eles atribuídos.

Nesta perspectiva, crenças podem ser compreendidas como representações mentais que se entrelaçam com processos cognitivos, afetivos, motivacionais e conativos, que possibilitam o sujeito a interpretar a realidade

percebida, bem como regular sua conduta, objetivando a adequação pessoal (Krüger, 2016). Isto posto, não existe crença que não esteja de algum modo interligada a outras crenças, isto é, que esteja fora de um sistema de crenças. Sistemas de crenças são definidos como uma organização psicológica, porém não necessariamente lógica, de cada uma e de todas as imensuráveis crenças que uma pessoa pode possuir, proporcionando uma compreensão mais ou menos constante e relevante da realidade física e social (Rokeach, 1981).

Para Rokeach (1981), crenças diferenciam-se ao longo de uma dimensão periférica-central de importância conferida por aquele que crê. Nem todas as crenças exercem uma função padrão dentro dos sistemas de crenças de um indivíduo ou de grupos de indivíduos, nem executam um papel uniforme para condicionar os seus comportamentos, devido seus graus variados de relevância. As crenças mais centrais de todos os sistemas de crenças que os indivíduos e/ou grupos dispõem constituem as de maior relevância, porém, na proporção que se distanciam do “núcleo” tornam-se menos relevantes. Nesse sentido, quanto mais central for uma crença, mais fortemente resistirá à modificação. Se caso modificada, a repercussão nos demais sistemas de crenças será de maior magnitude conforme sua centralidade. Nesta conjuntura, as crenças foram tipificadas por Rokeach (1981) em cinco classes ordenadas do centro à periferia dimensional, entendidas como crenças do tipo A, B, C, D e E. O Quadro 01 sintetiza os conceitos de cada um destes tipos de crenças a diante:

Quadro 01 – Tipos de Crenças cunhadas por Rokeach (1981)

Tipos de Crenças	Definição
Crenças Tipo A	Caracterizam-se por sua maior centralidade, adquiridas com base no contato direto do indivíduo com o próprio objeto de sua crença, corroborada por um consenso social e raramente sujeitas às controvérsias ou a modificação, por lhes atribuírem um aspecto axiomático. Conhecidas como crenças primitivas, pois são a grosso modo correlatas aos termos primitivos de um sistema axiomático de matemática ou ciência; representam para o indivíduo suas “verdades básicas” acerca da realidade física, social e a natureza do eu.
Crenças Tipo B	Assemelham-se as crenças do tipo A por serem conhecidas também como crenças primitivas, bem como por sua resistência a mudança, porém diferenciam-se por não precisarem de um consenso social para existirem, por estarem intrinsecamente ligadas às experiências propriamente subjetivas de cada sujeito e não sendo passíveis de influência pela persuasão ou opinião dos outros.
Crenças Tipo C	Conhecidas como crenças de autoridade, tem o papel de ajudar o sujeito a compreender o mundo e aparecem no momento em que a criança nota que determinadas crenças as quais acreditava serem compartilhadas por outros, não o são, que por efeito, a criança gera a necessidade de produzir uma visão seletiva acerca de quais as fontes positivas e negativas de autoridade (grupos e pessoas de referência) que repercutem em suas crenças, podendo essas crenças serem questionadas e contrariadas. Embora relevantes e em geral resistentes, são lhes atribuídos menor importância, tornando-se mais fáceis de serem modificadas em relação às crenças do tipo A e B.
Crenças Tipo D	Crer na fidedignidade de crenças oriundas de uma certa fonte de autoridade, possibilita a concordância de outras crenças desta determinada autoridade, estas outras crenças são conhecidas como crenças derivadas e designam as crenças do tipo D que como as do tipo C, são controvertíveis.
Crenças Tipo E	Referem-se ao tópico de gostos que são comumente arbitrários, conhecidas igualmente como inconsequentes pois constituem pouca ou nenhuma ligação com outras crenças e nessa medida, caso alteradas, têm pouca ou nenhuma consequência nas outras crenças. Ademais, são difíceis de serem questionadas dado que manifestam-se apoiadas na experiência direta do crente com o objeto de sua crença e não precisavam do consenso social.

No entanto, para Krüger (1986), o pressuposto básico no estudo das crenças é o da sua estruturação lógica, subjetiva, em sistemas organizados logicamente, capazes de estimular motivações e por efeito condutas sociais, repercutindo por este meio os processos coletivos. Conforme as crenças vão sendo estabelecidas e cognitivamente assimiladas, sendo-lhes conferidas níveis variados de confiabilidade subjetiva, elas se inter-relacionam com as já disponíveis na rede cognitiva individual.

No decorrer deste processo, produz-se sistemas de crenças os quais sustentam-se por diferentes modelos lógicos. Dessa maneira, emergem diferentes sistemas de crenças que encontram-se dentro de um gradiente lógico (do ponto de vista filosófico e racional) onde por um lado, estão sistemas formados como raciocínios logicamente bem estruturados, e por outro, localiza-se sistemas de crenças insustentáveis por sua fragilidade lógica, pouco resistentes ao exercício da dúvida e da análise crítica, igualmente pelas suas imprecisões semânticas ou pela inexistência de algumas crenças necessárias para a integridade do sistema (Krüger, 2016, 1995).

Dito isto, apresentar-se-á brevemente o sistema de crenças que está inserido a experiência religiosa vivenciada como EAC do batismo com o Espírito Santo: o pentecostalismo evangélico da Assembleia de Deus. O pentecostalismo clássico ou tradicional o qual este trabalho dá ênfase, corresponde a um dos desdobramentos do protestantismo cristão que teve sua origem a partir de Martinho Lutero (Fernandes, 2006). Mesmo havendo várias denominações protestantes e pentecostais (Assembleia de Deus, Congregação Cristã, Evangelho Quadrangular e outras tantas denominações desagregadas), as mesmas possuem alguns princípios em comum: salvação pela graça de Deus mediante a fé, a bíblia como autoridade suprema e o sacerdócio comum a todos (Fernandes, 2006). O termo pentecostalismo faz referência a uma festa judaica, que a partir do novo testamento da bíblia sagrada passa a possuir um novo significado, pois seria a ocasião em que haveria ocorrido o cumprimento da promessa divina (promessa registrada no velho testamento no livro de Joel 2:283, e mencionada no novo testamento nos livros de Atos 1:54 e Lucas 24:495) do derramamento do Espírito Santo sobre a igreja, postulado no livro de Atos 2 (Lima, Brandt, Boff, 2015).

O Dicionário do Movimento Pentecostal de I. Araújo (2007 apud Lima et al., 2015), alega que o batismo com o Espírito Santo é entendido como um feito distinto e à parte da regeneração também proveniente dEle, em que o sujeito experiencia a plenitude do Espírito. Esta experiência religiosa para os pentecostais tem relevância central, pois este tipo de manifestação é elemento constituinte da caracterização e identidade deste grupo. Os pentecostais o posicionam como uma “segunda benção”, sucedido da benção da salvação em que a pessoa é agraciada. Lima et al. (2015) apontam que batizar seu povo com o Espírito Santo, foi um dos principais objetivos de Jesus Cristo em sua missão terrena, que pode ser concedida a qualquer um que professe a fé cristã.

Mas o que se espera do crente batizado com o Espírito Santo? Lima et al. (2015), afirmam que tal experiência proporciona um revestimento de poder fornecido pelo Espírito Santo, um poder tal que capacita o crente a estar a serviço de Deus, por meio de dons espirituais concedidos por Ele. Tais dons podem ser entendidos como deveres e direitos que são atribuídos e esperados idealmente pelo grupo ao crente batizado com o Espírito Santo, constituindo seu papel social no grupo, conceito interdisciplinar entre a psicologia e a sociologia da teoria dos papéis sociais (Michener, Delamater e Myers, 2005; Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2009; Braguirolli, Pereira e Rizzon, 2010). O batismo com o Espírito Santo será investigado aqui também nesta perspectiva.

A experiência mística enquanto um EAC (ou êxtase) está associada muitas vezes aos fenômenos extraordinários provenientes dela: visões, capacidade de ouvir vozes ocultas, estigmas e a glossolalia (Ávila, 2007). Aliado a esta ideia, Lima et al. (2015) alegam que no pentecostalismo, a maior prova da manifestação do batismo com o Espírito Santo está em um dos principais dons espirituais resultantes dele: Falar em “línguas estranhas”. Este fenômeno refere-se a uma glossolalia religiosa em que o crente passa expressá-la a partir do dom concedido pelo Espírito Santo. Dessa forma, ao menos para a maioria dos pentecostais, o dom de falar em línguas estranhas, trata-se de uma evidência empírica da graça do batismo com o Espírito Santo.

Almeida e Souza (2013) estudaram o fenômeno da glossolalia na contemporaneidade a partir dos membros da assembleia de Deus Palmeiras e alguns de seus resultados cabem aqui serem ressaltados. A partir dos relatos dados pelos membros da Assembleia de Deus às autoras, foi evidenciada uma congruência no conteúdo das falas da membresia com o movimento pentecostal o qual pertence, por ter sido revelado que a glossolalia é a prova do

batismo realizado pelo Espírito Santo, pois para a membresia este dom não pode ser aprendido ou ensinado, é efeito direto do Espírito Santo através de seu batismo. Foi revelado também que aqueles ou aquelas que foram batizados(as) com o Espírito Santo, possuem um *status* social posicionado em um nível maior da hierarquia de prestígio nas relações entre os membros, visto que estas pessoas são consideradas abençoadas por possuírem a marca concreta do Espírito Santo, por resistirem muito mais os seus desejos às coisas mundanas (drogas, sexo antes do casamento, violência e etc.), sendo agraciadas pela clara e efetiva diferenciação entre elas e as “do mundo”.

Com o fim de atingir o objetivo geral de compreender a experiência religiosa do batismo com o Espírito Santo dos cristãos evangélicos pentecostais da Assembleia de Deus, segue-se os seguintes objetivos específicos: (1) identificar as características psicológicas que configuram a experiência religiosa do Batismo com o Espírito Santo nos membros da igreja da Assembleia de Deus, (2) interpretar a centralidade e fidedignidade atribuída pelos membros da Assembleia de Deus à crença do batismo com o Espírito Santo e (3) discutir o papel social do batizado com o Espírito Santo para os membros da igreja da Assembleia de Deus. A relevância deste estudo encontra-se em duas instâncias: por um lado tem-se a relevância acadêmica, pela pretensão de fortalecer as pesquisas sobre os EACs que apesar terem sido negligenciadas na Psicologia Científica da Religião no Brasil, tem considerável influência sobre a religiosidade dos brasileiros. Por outro lado, tem-se a possibilidade de compreender melhor a dinâmica psíquica das relações interpessoais dos membros da instituição religiosa que mais cresce no Brasil, a Assembleia de Deus, através do entendimento de uma de suas principais manifestações religiosas: o batismo com o Espírito Santo, abrindo brechas às possíveis intervenções psicossociais.

O método

Legitimando a ênfase psicossocial desta pesquisa à compreensão do batismo com o Espírito Santo e para responder seus objetivos, adotou-se o abordagem qualitativa de pesquisa, visando compreender cientificamente e em profundidade os processos psicossociais referentes a um grupo particular, reconhecendo a subjetividade e o simbólico como partes constituintes desses processos ou realidades sociais (Minayo, 2007), lançando mão da técnica do Grupo Focal e da Observação Sistemática para coleta de dados e da Análise Temática de Conteúdo para o tratamento dos dados.

Foi designado a técnica do Grupo Focal de orientação “essencialista” para coleta de dados, que possibilita o levantamento dos dados por meio da discussão e diálogo entre os participantes do grupo, dentro da temática em questão, a partir de estímulos que direcionam o debate, visando atingir uma verdade sobre o tema em questão a partir do processo de interação de seus membros (Millward, 2010). Por conveniência, fora eleita uma igreja da Assembleia de Deus da cidade de Bezerros no interior pernambucano para compor o número de participantes da pesquisa no grupo focal, portando como critério de inclusão foram selecionados apenas cristãos que são batizados com o Espírito Santo e de exclusão, cristãos abaixo de 18 anos de idade. Dessa forma, seguindo a recomendação da literatura pesquisada, selecionou-se de 6 à 8 membros da igreja Assembleia de Deus ao grupo focal.

Houve três encontros de grupos focais, cada um voltado a corresponder a um dos três objetivos específicos desta pesquisa. Todos os encontros foram facilitados pelos pesquisadores, orientando o grupo a partir de questões norteadoras que serviram para promover os debates e que estão fundamentadas pelos construtos teóricos apresentados. Para o registro dos dados levantados nos encontros do grupo focal, utilizou-se gravações de áudio e vídeo. O ambiente onde foi executado os encontros dos grupos focais consistiu no local considerado adequado, confortável, de fácil acesso e favorável a uma discussão franca e fluente (Millward, 2010).

Seguindo a recomendação de Meslin (2014), por postular que a investigação da religião através de suas manifestações é o meio mais científico para adquirir sua essência, trazendo maior riqueza de dados e sempre que possível contrasta-os com os dados obtidos pelo grupo focal, fora designada a técnica da Observação Sistemática (Dallos, 2010; Gil, 2008). A observação sistemática é uma técnica processual de coleta de dados, caracterizada por ser uma observação efetuada sistematicamente e submetida à apuração e controle de validade e exatidão, que tem o objetivo de descrever precisamente as características de um determinado fenômeno, de maneira que o pesquisador torna-se um espectador, registrando atenciosamente o maior quantitativo de ocorrências que dialoguem com seu objeto de estudo, baseado num roteiro de observação e nos objetivos da pesquisa. Esta técnica foi aplicada em dez sessões de observação durante dois meses na Igreja da Assembleia de Deus da cidade de Bezerros-PE.

A observação sistemática aplicada configurou-se resumidamente em quatro dimensões (Dallos, 2010): exploratória, devido seu caráter mais descritivo, como forma de “reconhecimento” do objeto de estudo; O esquema de codificação (ou seja, o roteiro de observação) foi elaborado de acordo com os aspectos comuns que encontram-se no objeto de estudo investigado, bem como nas possíveis causas de sua manifestação, no entanto, o registro das observações através de um caderno de anotações foi efetuado de maneira aberta (Gil, 2008), garantindo ao pesquisador uma rica liberdade para proceder as anotações, sendo executada concomitantemente à observação do fenômeno; Observador como participante, que consiste na inserção do pesquisador ao grupo pesquisado com a intensão expressa de observar, garantindo maior liberdade para formular questões ao desempenhar esse papel, tendo o acesso a uma ampla diversidade de material e até a informação privada; observação naturalista, que consiste na observação do fenômeno investigado conforme ocorre de maneira genuína, inserido em seu contexto natural. A amostragem sobre a coleta de dados da técnica da observação sistemática foi do tipo *ad libitum* (à vontade) (Gil, 2008), que consiste na observação e registro não traçados por processos sistemáticos, mas sobre o que é visível e potencialmente relevante.

Utilizou-se o conjunto de técnicas da Análise Temática de Conteúdo para a análise dos dados, pautando-se na sua função heurística, que pretende revelar os centros de sentido que constituem uma comunicação, cuja a existência e a repetição expressem algo ao objeto analítico proposto (Bardin, 2004; Minayo, 2007), enriquecendo e aumentando a propensão de atingir o objetivo geral deste estudo. A análise temática de conteúdo é composta por três etapas: pré-análise, exploração material e tratamento dos dados obtidos e interpretação. A pré-análise consiste em ordenar o material para ser analisado, com o propósito de torna-lo operacional, podendo este processo ser decomposto pelas seguintes tarefas: leitura flutuante, constituição do corpus de análise e formulação de hipóteses e dos objetivos. A exploração do material por sua vez, equivale a uma investigação do material, uma descrição analítica do corpus de análise construindo uma demarcação de categorias, que são expressões ou palavras significativas das quais o conteúdo de uma fala foi ordenado e orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. Por último, mas não menos importante, está o processo de tratamento dos resultados obtidos e interpretação, onde os resultados brutos foram tratados, promovendo a solidificação e a ênfase das informações para análise, para propor inferências e realizar interpretações, inter-relacionando-as com o referencial teórico.

Esta pesquisa respeitou e garantiu todos os critérios de direitos fundamentais aos sujeitos da pesquisa seguindo as normativas federais vigentes (Resolução CONEP/CNS 510/16) e foi aprovada pelo do Comitê de Ética e Pesquisa (CAAE: 71593517.0.0000.5666) que trata do desenvolvimento de pesquisa com seres humanos, tais como: autorização de uso de informações, privacidade e recusa acesso ao pesquisador. Esta pesquisa apresentou riscos mínimos, uma vez que a probabilidade e a magnitude do dano ou desconforto que pode ser previsto antecipadamente, não foram maiores do que aqueles vivenciados no cotidiano da pessoa ou durante a realização de um exame físico ou psicológico de rotina, nos quais não se identifique nem seja invasivo à intimidade do indivíduo.

Resultados e discussão

Identificando as características psicológicas que configuram a experiência religiosa do batismo com o Espírito Santo nos membros da igreja da Assembleia de Deus, verificou-se com base no exame dos dados que o batismo com o Espírito Santo trata-se de uma experiência (*Erlebenis*) religiosa em que o sujeito vivência um sentimento de comunhão com o objeto de sua fé, sentindo a “presença e o poder de Deus”. Uma experiência subjetiva, que provoca alteração do pensamento devido a mudança na direção de sua atenção a um “plano espiritual” que não é possível de ser devidamente descrita por meio das palavras (inefabidade⁷), acompanhada de um sentimento de revitalização por promover um revestimento do poder de Deus para estar a serviço dEle. Sentimento este, aliado a uma desorientação emocional expressa como uma euforia indescritível e inexplicável em conjunto com um sentimento de grande alívio, que por efeito, desemboca numa carência de autocontrole pela vontade indomável de gritar, pular e marchar. Nesta experiência, há ainda a possibilidade de manifestar visões proféticas e receber mensagens divinas, configurando uma deformação sensório-perceptiva.

O batismo com o Espírito Santo possui um valor intrínseco na medida em que o cristão sente-se privilegiado por tê-lo experimentado, bem como, este passa a possuir de maneira mais assertiva para si a noção de que a vida não carece de sentido. Nesse mesmo aspecto, pelo batismo com o Espírito Santo o cristão obtém uma “iluminação”, uma maior sensibilidade heurística em suas experiências cotidianas, passa a intuir o mundo de maneira mais “profunda”. Ainda que exista caminhos que o sujeito ativamente trilhe para favorecer a concretização do batismo com o Espírito Santo, este fenômeno ocorre de maneira passiva, por se efetuar somente “quando Deus permitir”.

O sentimento da vivência de comunhão corresponde a uma experiência de encontro, experiência do sentimento da presença poderosa de Deus, uma característica essencial de uma experiência mística, em que é revelada ao sujeito de maneira intuitiva a presença do divino e sua comunhão com ele (Ávila, 2007; Meslin, 2014). Nesse caso, como também referido no dicionário do movimento pentecostal de I. Araújo (apud Lima, et al., 2015), trata-se da experiência em que o crente sente a plenitude do Espírito, que evoca conjuntamente um revestimento de poder que o edifica e o fortalece na vida cristã diária, isto é, o sentimento de revitalização. Este sentimento de revitalização segundo Zangari et al. (2013) é entendido como a obtenção de recursos para atribuir um novo sentido construtivo a memórias particulares ou a vida como um todo, devido à natureza transcendente e habitualmente positiva em conjunto com o aspecto vívido e subjetivamente verídico da experiência religiosa. Aliado ao sentimento de revitalização está a idoneidade de “estar a serviço de Deus”, que faz referência ao que Lima et al. (2015) haviam afirmado sobre a prática do crente “revestido de poder” em exercer seus dons provenientes do batismo: testemunhar, operar milagres, ministrar a igreja e a seguir uma vida justa e plena. Eis o relato do colaborador C3 em que estes aspectos são expostos:

No momento em que a pessoa é batizada com o Espírito Santo ela sente a presença e o poder de Deus, é uma experiência maravilhosa que a pessoa é revestida do poder do Senhor, como se ela fosse renovada, fortalecida. A pessoa se torna uma pessoa diferente e vive uma vida diferente, porque Deus transformou a vida dela ali, naquele momento. O batismo com o Espírito Santo é isso, é você ser revestido do poder de Deus, ser edificado, pra trabalhar na obra d’Ele.

O caráter subjetivo e a inefabilidade da experiência religiosa do Batismo com o Espírito Santo apresentaram-se como umas das suas principais características. A dimensão subjetiva desta experiência condiz com o postulado de Meslin (2014) acerca da experiência religiosa enquanto *erlebenis* ou como experiência mística de acordo com Ávila (2007), em que cada sujeito terá sua forma particular de experimentar seu deus. A

inefabilidade na experiência religiosa vivenciada num EAC designa a impossibilidade de descrever de maneira adequada por meio das palavras esta experiência, embora possa ser possível relatá-la por meio de metáforas ou pela via negativa, dizendo-se o que não é (Ávila, 2007; Zangari et al., 2013). Segue a narrativa do colaborador C1 em que estas características são aludidas:

Tem coisas que não tem como dizer e explicar em palavras. Imagina se eu faço uma torta e não te oferecesse um pedaço, não te desse um pedaço pra tu comer. Como você saberia o gosto? Não saberia. Porque só tem como saber provando. A mesma coisa é o batismo, é pra quem participa... é pra quem tem essa experiência. É muito pessoal, cada um tem uma forma de sentir a presença do Senhor. Mas é como se um pai acolhesse e protegesse o filho, a gente se sente seguro na presença de Deus, a gente se sente renovado, edificado.

Embora esta experiência evidencie-se lúcida devido ao crente estar o tempo todo ciente do que lhe ocorre, há uma alteração do pensamento em que o sujeito passa a pensar de maneira qualitativamente diferente do estado vígil, em que o rumo da sua atenção altera-se (Zangari et al., 2013), exemplificada no seguinte relato da colaboradora C4: “Sua mente... é como se estivesse em outro plano, no plano espiritual sabe? É uma presença muito poderosa que você sente, você não consegue pensar muita coisa direito, você só consegue pensar em Deus”. Dessa forma, a despeito de o sujeito informar-se lúcido, o modo de processamento psíquico revela-se de “outro plano”.

A desorientação emocional, segundo Zangari et al. (2013), pode manifestar emoções primitivas ou intensas revelando uma menor inibição, é atestada como constituinte do batismo com o Espírito Santo, manifesto pelo “grande alívio no peito” ou por uma “euforia indescritível e inexplicável”, isto é, redução do controle emocional, que em decorrência pode gerar uma carência de autocontrole: fortes expressões corporais (gritar, pular e marchar), fruto de uma identificação com uma força maior, Deus (Zangari, et al., 2013). Assim, constatou-se pessoas que no momento do batismo com o Espírito Santo choravam de maneira descontrolada, que pulavam de olhos fechados enquanto manifestavam também a glossolalia, que caíam desacordadas ou se agitavam com veemência no chão. Adiante, a fala reveladora da colaboradora C7: “É difícil se controlar na presença do Espírito Santo, é uma felicidade tão grande estar na presença do Senhor, que dá vontade mesmo de pular, chorar, gritar... é uma presença tão poderosa que a gente não consegue se sustentar bem”.

A despeito de não ser tão comum, deformações sensório-perceptivas são possíveis na experiência religiosa do Batismo com o Espírito Santo. Segundo Zangari et al. (2013) as deformações sensório-perceptivas referem-se a alucinações e/ou pseudoalucinações dos quais seus conteúdos são determinados e condicionados pelas variáveis de nível cultural, subjetivo e neurofisiológico, que podem revelar medos básicos, desejo de completude e outras possibilidades. Chegou-se a ser registrado o momento em que um jovem membro da igreja, após falar em “línguas estranhas”, subitamente alegava estar vendo uma luz divina vinda do céu e que abençoava a igreja. O relato colhido de C1 revela este aspecto: “Eu estava em frente ao púlpito da igreja, o pastor dizia que ali tinham anjos ministrando ao nosso favor. Quando o pastor pôs sua mão sobre minha cabeça e fez uma oração, foi quando fui batizado com o Espírito Santo e ali eu pude sentir as asas dos anjos tocando meu rosto”.

No batismo com o Espírito Santo também foi evidenciado o valor intrínseco a ele atribuído como também seu poder de Iluminação (Ávila, 2007; Zangari et al., 2013). O seu valor intrínseco exprime a relevância que esta experiência carrega e que encerra-se em si mesma, pelo sujeito perceber-se agraciado por ter vivido tal experiência, compondo nesta mesma vivência a contestação de que a vida não tem sentido. Sobre o poder de iluminação denota as sensações, ideias e percepções que podem ser geradas no e a partir do batismo que ganham enorme importância, permitindo ser a eles atribuídos um significado heurístico, com uma contínua sensação de comunhão íntima a uma profunda verdade revelada, que por sua própria natureza não pode ser expressa por meios do intelecto. Segue o relato da colaboradora C5 sobre isso:

Foi uma grande benção, é um privilégio grandioso ser batizada e sentir a presença de Deus, é como se tudo passasse a fazer sentido na vida. Fiquei mais convicta de quem eu sou, de quem eu devo seguir e pra onde eu vou. Mudou tudo pra mim. (...) Após o Batismo você começa a perceber o mundo de uma forma diferente, como se nos fosse finalmente mostrado a verdade. É difícil de explicar isso racionalmente, mas você se torna guiado pelo Espírito Santo e fica um pouco mais sensível com as coisas que te rodeiam, você passa ter certas intuições, com algumas pessoas, você olha pra elas e dá vontade de dizer alguma coisa, sabe?

Segundo os cristãos, apesar de que seja necessário para ser batizado com o Espírito Santo exercer uma procura por Deus, uma entrega de corpo e alma a Ele, não apenas dentro da igreja, mas durante suas rotinas diárias, é somente no tempo seu deus que é concedido o batismo. Noutras palavras, a despeito de haver maneiras de fornecer contexto para que a experiência mística se manifeste, este fenômeno, do ponto de vista do sujeito religioso, é passivo (Ávila, 2007), uma vez que ele só ocorre “quando Deus permitir”, é concedido e mantido por Ele. Eis a afirmação do colaborador C6 acerca disso: “Deve haver uma busca por Deus para que você possa ser batizado, mas não é quando a gente quer ou como a gente quer, só o Senhor sabe o tempo certo de cada um, a pessoa é escolhida, tem um chamado de Deus, é Ele quem nos concede essa graça”.

No entanto, observou-se também possíveis condições de origem psicossocial que podem motivar a manifestação do batismo com o Espírito Santo. No momento em que os cristãos foram batizados com o Espírito Santo constituía-se um ambiente de fortes vocalizações de engrandecimento e louvor ao seu deus, aliado a músicas vigorosas, como também com palavras de ordem provenientes do pastor da igreja no momento de culto; neste momento, cristãos realizavam suas preces de forma intensa e repetidamente um pouco antes de serem batizados, enquanto outros mantinham-se ativamente concentrados introspectivamente. Estes dados convergem ao que Zangari et al. (2013) apresentam como fatores que podem suscitar a surgimento da experiência mística vivenciada como um EAC: fortes estimulações sensoriais, motora e/ou emocional, aumento do estado de vigília ou implicação cognitiva e ativo rebaixamento da consciência com base no relaxamento.

Antes de interpretar a centralidade e fidedignidade atribuída pelos cristãos evangélicos pentecostais da assembleia de Deus à crença no batismo com o Espírito Santo, deve-se situá-la dentro de seu sistema de crenças (Rokeach, 1981). Conforme os cristãos, a crença no batismo com o Espírito Santo está ligada ao sistema de crenças que compõem o arcabouço religioso do pentecostalismo evangélico cristão, constatação que está em harmonia com o pensamento de Lima et al. (2015), em que, uma das principais características do pentecostalismo refere-se ao próprio batismo com o Espírito Santo: “somos pentecostais, o próprio termo, a origem da palavra pentecostal vem de quando Deus batizou com o Espírito Santo seus discípulos na festa de pentecostes, então, é fundamental pra nós a crença do batismo com o Espírito Santo”, diz C7. Não obstante, foi exposto explicitamente pelos cristãos que suas crenças apoiam-se sobretudo na premissa da existência de Deus, premissa a qual possui tamanha relevância que eles não concebem a realidade que os cerca de outra maneira. Novamente, em conformidade com a constatação de Lima et al. (2015), os cristãos relatam que falar em línguas estranhas (isto é, a glossolalia) é a prova da manifestação do batismo com o Espírito Santo: “Quando a pessoa é batizada com o Espírito Santo ela tem que falar em línguas estranhas, falar em línguas é como se fosse uma evidência que a pessoa foi de fato batizada, entendesse?”, relatou o colaborador C8.

Como referenciado anteriormente, crenças a medida que se constituem e são assimiladas cognitivamente, adquirem graus diferentes de validade subjetiva (Krüger, 2016, 1995). Para a veracidade da crença no batismo com o Espírito Santo como também à existência de Deus, os participantes evocaram diversos recursos de natureza psicológica e empírica: experiências de evidências anedóticas com seu deus no cotidiano, a própria experiência pessoal do batismo com o Espírito Santo, os dons espirituais decorrentes do batismo, a bíblia sagrada e a fé no que “não tem explicação” neste evento. As experiências de evidências anedóticas correspondem acima de tudo aos “livramentos” que Deus consente aos crentes em seu cotidiano: “Cremos também porque no nosso dia-a-dia a gente percebe os livramentos que Deus nos dá de algo ruim, por isso somos fies a Ele”, relata C3. Os dons

espirituais são entendidos como originários unicamente do poder divino: “somente Deus que permite que a pessoa fale em línguas, que tenha autoridade pra pregar a palavra e que possa fazer milagres”, segundo C4. A bíblia sagrada, referida na maioria das vezes como “a palavra de Deus”, fora evocada utilizando-se de sua autoridade, por vezes com seus trechos, para justificar a veracidade do Batismo, nas palavras da C5: “A palavra de Deus é tudo, ela nos traz a verdade e diz que Deus derramará sobre nós o seu Espírito, é a promessa de Deus que vem sendo cumprida”.

A experiência pessoal do batismo ao surgir como recurso para corroborar a veracidade do próprio batismo, condiz com o pensamento de Meslin (2014). Este autor afirma que a experiência religiosa pode ser fonte de conhecimento do divino, uma vez que o sujeito se apropria do conteúdo de sua experiência, o que assevera o seu caráter realístico. Neste caso, o cristão entende seu deus em contato direto com ele: “Eu acredito naquilo que eu vivenciei, é pra quem tem fé, você precisa passar por isso pra reconhecer que é de Deus”, revela C1. A fé surge não apenas como critério para ser batizado, mas também como recurso para preencher as lacunas da crença e da experiência religiosa do batismo com o Espírito Santo que não tem explicação: “É algo que não tem explicação, não há como explicar. Aí onde entra a fé, porque a pessoa precisa acreditar, tem que ter fé pra ser batizado com o Espírito Santo. É algo que você só sabe que é de Deus, você só sabe”, expõe C7. A experiência religiosa como *Erlebnis*, como experiência mística, então, pode tornar-se uma experiência *Erfahrung*, dado que transforma-se a experiência religiosa, transpassada pela fé, uma forma de conhecimento do divino (MESLIN, 2014).

No entanto, é possível notar que todos estes recursos levantados para corroborar a veracidade do Batismo com o Espírito Santo, como também da existência de Deus, são justificados não em sua própria credibilidade, mas na fé atribuída a todos eles, exposto de maneira explícita na seguinte alegação de C6: “Na verdade fica a critério da fé de cada um. É pela fé que cremos em Deus, na nossa experiência com Ele, na bíblia como a palavra do Senhor. Sem a fé nossa crença seria vazia e é o Espírito Santo que nos ajuda manter a nossa fé”. Este resultado é congruente ao que Meslin (2014) propõe, quando postula que a fé tem um papel fundamental em toda experiência religiosa, pois, é pela fé que Deus torna-se real para o sujeito, que condiciona a consciência do sujeito a acreditar que os recursos evocados servem como prova de que a experiência vivenciada é religiosa e que provém de Deus. Dessa maneira, não há como desprender a experiência religiosa do sujeito que a experimenta, uma vez que ela não tem outra realidade a não ser neste mesmo sujeito. A fé está assim no coração de tudo que é oriundo da experiência religiosa do batismo com o Espírito Santo.

Considerando que no processo de constituição dos sistemas de crenças na cognição, eles se estruturam por distintos paradigmas lógicos (Krüger, 2016, 1995), pôde ainda ser constatado raciocínios circulares que visam comprovar a fidedignidade do Batismo com o Espírito Santo. Raciocínios circulares é um tipo de falácia lógica⁸ em que se presume o fato que está tentando provar. Neste caso, o batismo com o Espírito Santo justifica a crença na existência de Deus, por se tratar da experiência em que o cristão relaciona-se diretamente com Ele, como também, a premissa da existência de Deus assevera a veracidade do batismo com o Espírito Santo, por ser apenas Deus quem o concede. Noutras palavras, infere-se a existência de Deus pela experiência religiosa e a experiência religiosa pela existência de Deus. A seguinte fala de C8 exemplifica este tipo de raciocínio: “Sei que Deus é real porque pude senti-lo quando fui batizada com o Espírito Santo e essa experiência, o que eu senti, foi Deus porque somente Ele é quem permite que a pessoa seja batizada”.

Este tipo de raciocínio remete ao caráter dialético entre sistemas de crenças e experiências religiosas afirmada por Zangari et al. (2013). Não apenas o sistema de crenças do indivíduo, informado pelo seu contexto religioso, condiciona e molda os conteúdos manifestos nos EACs, como também, as experiências místicas transcorridas durante os EACs no sujeito religioso podem ressignificar, aperfeiçoar e presentificar o seu próprio sistemas de crenças, dando por efeito a este sujeito uma maior validade subjetiva do objeto de sua fé que dele experimentou; a crença condiciona a experiência e a experiência reafirma a crença.

Consoante previamente indicado, diferentes sistemas de crenças não executam uma função padrão para influenciar a maneira como as pessoas pensam, sentem e agem. A repercussão das crenças sobre o indivíduo varia nem sempre de acordo com a sua qualidade lógica, mas na tamanha relevância e do teor emocional conferidos a elas (Krüger, 2016; Rokeach, 1981). Nesse sentido, interpretando as crenças dos cristãos em conformidade com as dimensões periféricas-centrais postuladas por Rokeach (1981) em que as crenças se organizam de acordo com a magnitude de sua relevância atribuídas psicologicamente pelos sujeitos e grupos, a crença no batismo com o Espírito Santo configura-se predominantemente como uma crença do tipo “A”. Embora assemelha-se às crenças do tipo “B” por sustentar-se acima de tudo pela experiência subjetiva e direta com seu objeto (o Espírito Santo), desprendendo-se relativamente da necessidade de apoio social, a crença no batismo com o Espírito Santo encontra-se na tipificação “A”, visto que é fruto do compartilhamento e consenso social do grupo e pessoas de referência, como pela experiência própria do sujeito, sendo raramente passível de controversas ou modificação por lhe ser atribuído um aspecto axiomático.

Crenças do tipo “A” podem ser encaradas como representadas dentro do núcleo mais íntimo do sistema de crenças, representam para o indivíduo suas “verdades básicas” acerca da realidade física, social e a natureza do eu (Rokeach, 1986). No decorrer cotidiano dos acontecimentos da vida, este tipo de crença é tão levado em conta que não surge como objeto para discussão ou controvérsia. Qualquer ruptura destas crenças aceitas como verdadeiras, levaria alguém a questionar a credibilidade de seus próprios sentidos, de sua própria capacidade como pessoa habilitada a competir com a realidade ou mesmo com sua razão. Noutras palavras, a transgressão de qualquer crença do tipo “A” sustentadas por um consenso unânime pode levar a uma séria ruptura de crenças sobre autoconstância e a autoidentidade, e desta ruptura, podem-se seguir outras perturbações como nas de sentimentos de competência e “eficiência”. A seguir o relato da C4 representa esta tipificação:

“Sei que o batismo é real porque eu experimentei o calor do Espírito Santo no meu coração, Ele é tão real pra mim quanto você que está aqui na minha frente, quanto essa mesa que está aqui na nossa frente. Nada faria sentido se Deus não existisse, mas é como disseram, é pra quem tem essa experiência, qualquer um que abrir seu coração para Deus poderá senti-lo”.

Discutindo-se o papel social do batizado com o Espírito Santo para os membros da igreja Assembleia de Deus, verifica-se que este papel define-se por aquele que está a serviço das obras de Deus (prestando-se como modelo de servo, evangelizando seus próximos, edificando espiritualmente a igreja e sendo orientado por inspiração divina em seu cotidiano) e afastando-se das “coisas do mundo” (isto é, ideias e práticas mundanas, incluindo pessoas que não servem ao seu deus). Este resultado acerca do papel social do cristão batizado com o Espírito Santo dialoga com a afirmação de Lima et al. (2015) ao se referirem sobre o propósito do batismo com o Espírito Santo para o cristão: ser capacitado, pelo “revestimento de poder” conferida pelo Espírito Santo, em estar a serviço da obra de Deus, a evangelizar com base em seu testemunho como cristão, a enobrecer espiritualmente a igreja de pertença e a seguir uma vida correta e plena, aqui posto como inspiração da orientação divina, prestando-se como exemplo de vida cristã. O relato da C5 expõe isso da seguinte maneira:

A pessoa que é batizada com o Espírito Santo recebe a autoridade pra servir na obra de Deus, esse revestimento de poder te dá mais ousadia pra pregar a palavra, pra evangelizar, pra guiar a igreja, pra tocar no coração do irmão. Essa ousadia é poder do Espírito Santo que nos dirige no nosso dia-a-dia, pra a gente continuar no caminho de Deus. Só que pra a gente não perder a presença do Espírito devemos continuar buscando a Deus, nos afastando dos desejos da carne, das coisas do mundo, porque a bíblia diz que o Espírito Santo não habita em templo sujo... mas que esteja limpo.

Ademais, expuseram também que cada cristão batizado com o Espírito Santo tem sua maneira de “viver sua fé em Cristo”, isto é, cada batizado tem sua própria maneira de desempenhar seu papel social, a depender dos dons espirituais dados a eles, na sua relação com Deus e de sua própria subjetividade, o que remete a noção das “margens” da teoria dos papéis sociais, onde são expressos as maneiras particulares de desempenhar os papéis sociais de acordo com as características da personalidade dos indivíduos que os desempenham (Braguirolli et al., 2010; Michener, et al., 2005). Contudo, existem limites para os desvios de papéis: os grupos habitam punir seus membros, na tentativa de corrigir condutas que não correspondem as suas expectativas sobre os papéis sociais, bem como também gratificam os que estão mais próximos de atingirem tais expectativas (Braguirolli et al., 2010; Michener, et al., 2005). A fala de C6 sintetiza estes resultados:

Cada um tem um jeito de trabalhar pela obra do Senhor. Cada um tem sua função na igreja pelos dons que Deus dá, vai muito da relação que a pessoa tem com Deus e da forma como a pessoa é. Mas o importante é não se tornar um desviado do caminho de Deus, continuar seguindo a palavra do Senhor. Se isso acontecer ela perde a relação que tem com Deus, perde cargo na igreja e pode ser repreendida.

O cristão batizado com o Espírito Santo possui maior *status* em relação aos restantes componentes da membresia por carregar consigo a evidência de estar em harmonia com Deus e ser considerado como um ser escolhido e mais íntimo dEle. O batismo com o Espírito Santo confere à membresia a noção de que o crente está no caminho de Deus, orientado por Ele, sendo, como visto anteriormente, atestado pela manifestação da glossolalia: “...se a pessoa não estiver bem com Deus, ela não fala, fala não. Está escrito na bíblia, se estiver em pecado não fala”, relata C4 referindo-se à manifestação das línguas estranhas. Em consequência disto, é reconhecido ao crente batizado uma posição de destaque na hierarquia das relações interpessoais para os demais da membresia que não dispõem de tal graça. Este fenômeno relaciona-se com um conceito ainda vinculado com a teoria dos papéis sociais: *Status Social* (Rodrigues et al., 2009; Braguirolli et al., 2010).

O *Status Social* refere-se ao prestígio, à relativa relevância que o membro do grupo possui. Deve-se considerar que determinadas características serão mais importantes que outras para a concessão de *status*, a depender da dinâmica e da estrutura do grupo (Rodrigues et al., 2009; Braguirolli et al., 2010). Nesse sentido, este resultado de maior *status* social que dispõe o crente batizado com o Espírito Santo, também dialoga com os resultados da pesquisa de Almeida e Souza (2013), onde é revelado que o batizado com o Espírito Santo possui um *status* elevado em relação aos demais membros de sua igreja, por obter o sinal concreto de estar bem com seu deus, por possuir uma identificação explícita e legítima que o distingue entre ele e os “do mundo”, sendo considerado escolhido e mais íntimo de Deus. Exemplo disto, está neste relato da C5: “A pessoa que é escolhida pelo Espírito Santo é uma pessoa diferenciada, mais próxima de Deus, ela tem um chamado, o batismo é a prova disso. Tanto é que na nossa denominação só pode ter cargo na igreja quem for batizado com o Espírito Santo”.

Papeis sociais não apenas moldam as atitudes das pessoas, como também podem repercutir sobre os seus valores, na direção do seu crescimento e desenvolvimento pessoal e na constituição da personalidade (Michener, et al., 2005; Braguirolli et al., 2010), é o que ocorre com aqueles que desempenham o papel social do batizado com o Espírito Santo. Os cristãos relatam que suas vidas mudaram consideravelmente após esta experiência religiosa, como também por exercerem seus respectivos deveres ao longo do tempo como batizados: sentem-se mais profundamente vinculados aos valores e as atitudes relacionados a este papel social, veem-se mais íntegros em relação à sua própria identidade, percebem-se pessoalmente realizados por estarem servindo para a obra de seu deus e plenos diante das problemáticas existências da vida. O colaborador C2 apresenta isto da seguinte maneira:

Minha maior alegria é poder cooperar pela obra do Senhor. Percebi que sentir Deus agindo em mim e na minha vida, permitindo que eu me mantenha em seu caminho no dia-a-dia, me afastando do pecado e espalhando o evangelho, é a maior realização pessoal que alguém pode ter. Quanto mais eu atuo como servo de Deus a partir dos dons que o Senhor me concedeu, mais completa eu me sinto, é como se eu encontrasse o porquê de tudo, das provações... dos acontecimentos da vida. Passei a ser uma pessoa mais certa e continuo buscando o caminho correto e justo pela honra e glória de seu santo nome.

Conclusão

Este trabalho pretendeu compreender a experiência religiosa do batismo com o Espírito Santo dos cristãos evangélicos pentecostais da Assembleia de Deus. Os resultados apontam que o batismo com o Espírito Santo configura-se com as mesmas características que delimitam uma experiência religiosa (ou mística) vivenciada como um EAC, possuindo possíveis motivações de ordem psicossocial, expressa como uma experiência subjetiva da presença de Deus, caracterizada por um sentimento de comunhão, alteração do pensamento, inefabilidade, desorientação emocional, carência de autocontrole, deformação sensorio-perceptiva, sentimento de revitalização, valor intrínseco, iluminação e passividade.

Na experiência religiosa do batismo com o Espírito Santo, o crente é revestido de poder que lhe dá condições para viver sua vida cotidiana no caminho de Deus, acompanhado de dons espirituais para ser usado como instrumento do divino, tendo como prova de sua manifestação o fenômeno da glossolalia, evidenciando uma congruência com o sistema de crença a qual pertence essa experiência: cristianismo evangélico pentecostal da Assembleia de Deus. A crença na experiência religiosa do batismo com o Espírito Santo, é caracterizada como crença do tipo “A” das tipologias de crenças cunhadas por Rokeach (1981), onde há uma experiência direta com o objeto de sua crença constituindo sua veracidade subjetiva, pelo compartilhamento e consenso social e entre os grupos de referência e por sua natureza axiomática, embora neste caso, tendo sua credibilidade sustentada em última análise pela fé, corroborada por raciocínio circular e evidências anedóticas.

Do cristão evangélico pentecostal batizado com o Espírito Santo é esperado por seu grupo de pertença que sirva como exemplo de servo aos planos de seu deus, bem como deve distanciar-se das coisas mundanas, constituindo assim, seu papel social. No desempenho deste papel, ficou evidenciado que cada cristão tem sua maneira de concretizá-lo, a depender dos dons espirituais que lhe foram concedidos e por sua própria forma de ser. Aquele que ocupa este papel social desfruta de maior *status* nas relações interpessoais do grupo, por este ser considerado um cristão mais íntimo de Deus. Devido aos cristãos desempenharem o papel social do batizado com o Espírito Santo a longo prazo, os efeitos em sua personalidade, atitudes, valores e realização pessoal tornam-se mais significativos, sobretudo por este papel social está intimamente relacionado ao sentido da sua própria existência e à constituição do seu próprio eu.

Conclui-se, portanto, que a Experiência Religiosa do batismo com o Espírito Santo possui uma relevância e poder profundo sobre os cristãos evangélicos pentecostais da Assembleia de Deus. Uma experiência em EAC transformadora de suas vidas, valorizada pela membros da igreja, que tem forte repercussão sobre seu desenvolvimento humano ao fazê-los perceberem o mundo e a si mesmo de maneira diferenciada, influenciando seus valores e suas práticas diárias, adotando um papel social de instrumento do divino, servindo como modelo de servo, atribuindo uma alta credibilidade para suas crenças religiosas devido, principalmente, à fé e à natureza subjetivamente verídica desta experiência de contato direto e pleno com o Espírito Santo.

No processo de investigação, algumas lacunas foram encontradas e algumas questões parecem pertinentes de investigação em trabalhos futuros. Para uma compreensão mais abrangente dos sistemas de crenças dos cristãos relativos à experiência religiosa, torna-se imprescindível investigar os silogismos e os meios utilizados

para desconsiderarem possíveis evidências ou raciocínios que vão de encontro as suas crenças. Sobre a dinâmica psíquica das relações interpessoais dos membros da Assembleia de Deus, examinada por meio da teoria dos papéis sociais, percebeu-se a necessidade de uma investigação acerca do lugar que ocupa os cristãos membros da Assembleia de Deus que não foram batizados com o Espírito Santo, as representações recíprocas entre estes e os demais membros da igreja.

Referências

ALMEIDA, Detian Machado de; SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. A Glossolalia na Contemporaneidade. *Anais do iv encontro nacional do GT história das religiões e das religiosidades*, 2013. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/anais4/st14/2.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

ÁVILA, Antonio. *Para conhecer a psicologia da religião*. Edições Loyola, 2007.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa. Edições 70, 2004.

BRASIL. *Resolução 510/16*, Conselho Nacional de Saúde, versão 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 28 de Jun de 2017.

BRAGHIROLI, E.M., PEREIRA, S., RIZZON, L.A. *Temas de psicologia social*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

DALLOS, Rudi. Métodos Observacionais. In: BREAKWELL, G. M.; HAMMOND, S.; FIFE-SCHAW, C.; SMITH, J. A. (Org.). *Métodos de pesquisa em Psicologia*. 3. Ed. Porto Alegre: Artimed, 2010.

FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. Movimento Pentecostal, Assembléia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal. *Piracicaba: UNIMEP*, 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

KRÜGER, Ricardo H. Ideologias, sistemas de crenças e atitudes. In: CAMINO, Leoncio; TORRES, Ana R. R.; LIMA, Marcus E. O.; PEREIRA, Marcos E. (Org). *Psicologia Social Temas e Teorias*. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2016

_____. *Introdução à Psicologia Social*. 1.ed. São Paulo: ed. EPU. 1986.

_____. *Psicologia das crenças: Perspectivas teóricas*. Tese (Concurso para professor titular de Psicologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. 1995.

LIMA, Adriano; BRANDT, Diandra; BOFF, Clodovis. A experiência do “Batismo com o Espírito Santo” no Pentecostalismo. *Teocomunicação*, v. 45, n. 1, p. 72-84, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/22331/13641>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MESLIN, Michel. *Antropologia religiosa A experiência humana do divino*. 1. Ed. Vozes, 2014.

MICHENER, H. Andrew; DELAMATER, John D.; MYERS, Daniel J. *Psicologia Social*. São Paulo: Thomson Learning, 2005

MILLIWARD, Lynne J. Grupos Focais. In: BREAKWELL, G. M.; HAMMOND, S.; FIFE-SCHAW, C.; SMITH, J. A. (Org.). *Métodos de pesquisa em Psicologia*. 3. Ed. Porto Alegre: Artimed, 2010

MINAYO, MC De S. Técnicas de análise do material qualitativo. _____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2007.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline M. Leal; JABLONSKI, Bernardo. *Psicologia Social*. 27ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ROKEACH, Milton. *Crenças, atitudes e valores: uma investigação de organização e mudança*. Rio de Janeiro: Interciência, 1981.

ZANGARI, Wellington; MARALDI, Everton de Oliveira; MARTINS, Leonardo Breno; MACHADO, Fátima Regina. Estados alterados de consciência e religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

Notas

1 Graduando em bacharelado de psicologia pelo Centro Universitário do Vale do Ipojuca (UNIFAVIP-Wyden). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1290557561951244> e-mail: gaabriel777@hotmail.com

2 Doutora em Psicologia Social pela UFPB/UFRN. Professora do Curso de Psicologia - Centro Universitário do Vale do Ipojuca (UNIFAVIP-Wyden) e Membro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP/MS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0391875982942117> e-mail: machado.ao@uol.com.br.

3“E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. ”

4“Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias. ”

5“E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder. ”

6Termo utilizado na pesquisa das autoras Almeida e Souza (2013), que designa grupo de pessoas que constituem uma organização com normas ou princípios comuns a todos os membros.

7 Termo utilizado por Zangari et al. (2013) e Ávila (2007) que por se tratar de um tipo de experiência pessoal e qualitativamente diferenciada das experiências comuns (a partir das quais o vocabulário cotidiano é construído), pode ser difícil encontrar um repertório de vocabulários que comunique de forma adequada tal experiência a quem não a experimentou. Sendo possível expressá-la muitas vezes por via negativa (dizendo o que ela não é), ou por meio de metáforas e imagens.

8 Falácias lógicas designa raciocínios ou argumentos logicamente inconsistentes, inválidos ou sem fundamento no esforço de comprovar o que se afirma.